

Pequeno Teatro

Ausente de Lisboa não pude assistir à estreia de um novo grupo e de uma nova peça de Jaime Salazar Sampaló. O grupo chama-se «Início» e nasceu do núcleo de colaboradores que realizou a peça de Franz Xaver Kroetz, «Viagem para a Felicidade», prova de exame do Conservatório Nacional da actriz Maria N'Zambi, apresentada há escassos meses na Sociedade Portuguesa de Autores. Mantém-se o encenador Rogério de Carvalho, e com Maria N'Zambi trabalha desta vez o actor Ávila Costa. Os restantes colaboradores são: Maria Madalena Leitão (luzes), Helena Mendonça (som), Paulo Antunes (secretariado) e Ildeberto Gama (que coordenou a realização plástica).

O facto de ter podido assistir a um dos últimos ensaios e de conhecer relativamente bem a peça de JSS permite-me escrever esta nota sobre «Desconcerto» com a intenção primeira de alertar o leitor no sentido de não perder este espectáculo, em cena no SPA, todos os dias às 18.30. Na opinião do autor, com que estou de acordo, «Desconcerto» forma com a peça anterior, «Conceição ou Um Crime Perfeito», um dip-tico de que, a personagem principal é uma mulher que se desdobra «havendo, porém, na personagem de «Desconcerto», um posicionamento que representa um avanço ideologicamente qualitativo

em relação à personagem de «Conceição».

Devemos ter em atenção o facto de o teatro de JSS ser constituído por uma série de alçapões com os quais todo o cuidado é pouco. «Desconcerto» joga-se entre a situação de uma mulher, Helena, aparentemente grávida, e a memória de um homem (o seu homem), Alexandre, que surge, em termos imaginários, nas personagens que visitam Helena e lhe trazem notícias de Alexandre, até que, no final, é ele próprio que aparece, embora para partir de novo.

Na encenação de Rogério de Carvalho esse facto é acentuado por ser um único actor a interpretar as sucessivas personagens masculinas. O espectador é por isso constantemente posto perante uma série de interrogações: o que é, na peça, memória e imaginação? o filho existe? o filho já nasceu? o filho não é o «groom»? não é soldado? não é o próprio Alexandre? Alexandre existe? Alexandre é cada uma das personagens ou é apenas a personagem do desfecho?

O «leit-motif» de Alexandre é, nas palavras de Helena, a expressão «Alexandre partiu para transformar o Mundo». Esta frase tem, é sabido, uma conotação política rigorosa: é uma frase do discurso marxista, caracterizadamente revolucionária. Contudo, no contexto de «Desconcerto» a frase funciona com um signi-

ficado diferente (e por isso é outro alçapão) porque Alexandre não é um revolucionário na acepção correcta do termo, é um homem que quer transformar o Mundo pelos seus próprios meios. Trata-se, com efeito, de um ser isolado que luta sozinho, que recusa o emprego da violência, que procura dominar a situação do Mundo em guerra permanente — o desconcerto do Mundo — usando apenas as palavras. Helena, porém, não acredita: por isso, vive entre ruínas e por isso quando diz que Alexandre partiu para transformar o Mundo, são ruídos de guerra que se ouvem.

Dir-se-á que Alexandre pratica um outro tipo de revolucionarismo, o encarnado, se se quiser, por Jesus Cristo, hipótese que as suas relações com as crianças reforçaria (Helena surgiria aqui como a mãe de Cristo). Deste modo, como o revolucionário isolado, e como Cristo pregando a palavra Alexandre demonstraria, por absurdo, que a Revolução tem que ser feita por outros meios. Contudo, esta interpretação possível não me parece satisfatória. E as citações de Camões que Alexandre faz no final, quando visita Helena, e o facto de dizer que esteve com Camões na Índia e de conhecer outras batalhas como as da Guerra dos Cem Anos, se dá à personagem uma projecção mítica, parece-me que obriga a que

procure noutro lado a sua carga simbólica. Vejo Alexandre como o Poeta que atravessa os tempos e o Mundo lutando contra as forças do Mal, espécie de Dom Quixote sem ironia e sem Sancho Pança, com os olhos abertos para o Mundo e não para o sonho.

A um outro nível de leitura, «Desconcerto» ensina-nos que o combate do homem só desemboca num beco sem saída, que não há combate sem fraternidade e que não há vitória sem determinados pressupostos políticos mesmo que isso seja o mais difícil de tudo.

A peça breve de JSS é um texto muito belo e cheio de incidências de toda a ordem. A essencial será, porventura, esta: se o espectador duvida constantemente da realidade do que está a ver, se talvez nada daquilo exista, se a própria Helena pode pertencer, quem sabe, ao domínio do imaginário, uma realidade permanece: a do teatro. E essa bastaria para justificar este texto tão densamente teatral na simplicidade e na transparência de processos aparentemente obscuros e complexos.

Dir-se-ia que Rogério de Carvalho teve algum receio do texto, embora lhe tenha introduzido, e bem, algumas alterações. O seu trabalho consistiu, sobretudo, em servir a peça através da direcção dos dois intérpretes.

Um pouco menos de respeito pelas rubricas não teria sido mau. É o caso dos ruídos da guerra, a meu ver demasiado realistas. Não teria sido preferível substituí-los por um outro tipo de ruído que desse, de outra maneira, o desconcerto do Mundo? (Não me agradam, nos textos, expressões como «fomos dar um passeio pelo litoral», e «escaqueirar», mas são meros pormenores).

Maria N'Zambi é o cerjto do espectáculo. Mulher de um mundo real ou sonhado, mãe de um filho que traz no ventre há cinco meses ou há cinco anos, ou já desapareceu no Mundo, como Alexandre, Helena é uma personagem muito bela e muito rica. Talvez não fosse possível a Maria N'Zambi dar todas as suas «nuances», em especial essa força de uma mulher que tem a presença inabalável de uma montanha. A interpretação de Maria N'Zambi tem, contudo, a inteligência do entendimento interior da personagem, exprime algumas das suas subtilidades. Ávila Costa desdobra-se com cuidado nas várias personagens, torna-as convincentes no que têm de semelhante e de idêntico. Precisa apenas de soltar um pouco mais a voz que, por vezes, se torna ininteligível.

Em resumo: o leitor já percebeu que tem razões de sobra para ir ouvir e ver este «Desconcerto».

Eleições e publicidade teatral

O «Diário de Notícias» publicou, a seguir às eleições, uma nota dimanada, suponho, da respectiva direcção em que explicava as razões por que recusara a publicação, durante a campanha eleitoral, de um anúncio do livro sobre o «Watergate nacional» publicado nessa altura. Tendo consultado a Comissão Nacional de Eleições, esta fora de opinião que o anúncio continha matéria que cabia na designação de publicidade política, como se sabe proibida durante a campanha. Até aqui tudo correcto. Entretanto, o mesmo jornal publicou diariamente, e no mesmo período, o anúncio de um espectáculo teatral, anúncio que continha as seguintes expressões: «Os portugueses não podem esquecer os traidores e os oportunistas...»; «A história trágica cómica do «Prec»; «Qualquer semelhança com personalidades reais não é mera coincidência». Não estaria abrangido este tipo de linguagem, de nível aliás digno de quem o escreveu, pela proibição assinalada ao anúncio referido? Em caso negativo, por que é que as frases referidas desapareceram no chamado dia de reflexão e no dia das eleições? Quer-se-ia tratado de mera distração da Direcção do «D.N.» e da C.N.E.?

Carlos Porto

Sebastian Fadda - Para GATO.SA
 fax: 269.758167
 a/c Mario Primo